



**Universidade Federal de
Pernambuco-UFPE
Centro Acadêmico de Vitória – CAV
Núcleo de Biologia do Centro Acadêmico de Vitória**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO

CONCEPÇÃO DOCENTE E ABORDAGENS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS DO TEMA SEXUALIDADE NAS ESCOLAS DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE.

Vitória de Santo Antão
2010



**Universidade Federal de
Pernambuco-UFPE
Centro Acadêmico de Vitória – CAV
Núcleo de Biologia do Centro Acadêmico de Vitória**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO

CONCEPÇÃO DOCENTE E ABORDAGENS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS DO TEMA SEXUALIDADE NAS ESCOLAS DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE.

Monografia/TCC apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas como requisito para incremento de Carga Horária Complementar como disciplina eletiva.

Jordany Gomes da Silva
Orientador: Kênio Erithon Cavalcante Lima

Vitória de Santo Antão
2010



**Universidade Federal de
Pernambuco-UFPE
Centro Acadêmico de Vitória – CAV
Núcleo de Biologia do Centro Acadêmico de Vitória**

**CONCEPÇÃO DOCENTE E ABORDAGENS DIDÁTICO-
METODOLÓGICAS DO TEMA SEXUALIDADE NAS ESCOLAS DE
VITÓRIA DE SANTO ANTÃO - PE.**

JORDANY GOMES DA SILVA

Banca Examinadora:

Presidente: _____

Prof. Kênio Erithon Cavalcante Lima

1º Examinador: _____

Prof. Emanuel Souto da Mota Siqueira

2º Examinador: _____

Prof^a. Maria Zélia de Santana

1º Suplente: _____

Prof. Gilmar Beserra de Farias

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria do Socorro da Silva Gomes, mulher guerreira, que nunca deixou de acreditar em mim, a minha esposa Daniela Faustino Gomes, a qual sempre me ajudou e me deu muita força, a minha irmã Aleksandra Maria, meu pai, Inácio Joaquim, meu cunhado Márcio Cavalcante e a todos meus professores que me ajudaram nessa etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida que mim concedeu, por todas as vitórias que mim concedeu e pela paciência tem comigo. Aos meus familiares amigos. Ao professor Kênio Erithon Cavalcante Lima que dedicou durante esse tempo, não só preciosos momentos do seu tempo a me orientar em meus estudos acadêmicos, como também pela sua paciência e amizade. A universidade Federal de Pernambuco/Centro Acadêmico de Vitória, onde pude ter oportunidades impares, tanto para minha vida acadêmica como para minha vida pessoal. Aos professores que foram responsáveis por toda minha formação, desde alfabetização (a qual foi minha mãe) até a minha graduação.

RESUMO

Normalmente a sexualidade é lembrada de forma orgânica, procurando na figura do professor de ciências ou em profissionais da área da saúde, uma maneira de resolver situações referentes a esse tema; contudo, também preconiza ser olhada com aspectos psicossociais. No enfoque desta pesquisa, será tomado como conceito de sexualidade tudo que traz uma sensação de prazer ao indivíduo, seja ela um diálogo agradável, um abraço, um aperto de mão, carinho (fraterno, materno, paterno, conjugal entre outros), sorrir, ato sexual, conhecimento corporal entre outros. A proposta dos PCNs coloca a sexualidade como tema transversal, amenizando a visão segmentária que se tem do saber e do ser humano; no entanto, é provável que haja um recuo dos educadores das diversas áreas do conhecimento quando se fala de sexualidade com justificativas diversas. Como ação norteadora deste projeto, buscamos compreender através de entrevistas como o tema sexualidade é trabalhado na educação de Vitória de Santo Antão. Nossa amostragem constituiu-se de 8 (oito) escolas, sendo cinco (05) da Rede Pública, sendo deixado três instrumentos de pesquisa em cada uma, um destes destinado a professores de ciências e/ou biologia e os outros dois a professores de outras áreas de conhecimento. Dos 24 (vinte e quatro) questionários entregues, recebemos 14 (quatorze). Caracterizamos o perfil dos professores com perguntas objetivas, e as respostas discursivas categorizamos *a posteriori* para uma análise do conteúdo, baseada nas orientações de Bardin (2004). Identificamos que 64,2% dos professores pesquisados limitam o tema ao aspecto biológico, pouco enfatizando aspectos psicossociais. Um grupo de 35,6% limita à escola, outros 35,6% consideram qualquer local como ambientes propícios para se trabalhar o tema. A principal metodologia utilizada pelos professores na discussão do tema sexualidade ainda é os diálogos, mesmo que dividam opiniões sobre a pertinência ou não de se trabalhar o tema sexualidade em suas disciplinas. Observamos que 42,9% afirmam maior participação dos alunos quando o tema é sexualidade, o que amplia a responsabilidade daqueles em possibilitar momentos de discussão desse tema, onde poucos professores discutem a temática no agir (comportamento) (28,6%) quando comparados aos que insistem em trabalhar sexualidade restrita ao biológico (71,4%).

PALAVRAS CHAVES: Educação; Sexualidade; Professores; Biológico; psicossocial

SUMÁRIO

	PÁGINAS
DEDICATÓRIA.....	iv
AGRADECIMENTOS	v
RESUMO	vi
LISTA DE QUADROS E TABELAS	viii
INTRODUÇÃO	09
PROBLEMÁTICA	11
REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
OBJETIVO	13
JUSTIFICATIVA.....	14
METODOLOGIA.....	15
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
BIBLIOGRAFIA.....	31
APÊNDICE	33

Quadro 1 – Descrição dos professores entrevistados.	16
Quadro 2 – Categorização das respostas à pergunta “ <i>Como você entende o conceito sexualidade?</i> ”.....	17
Quadro 3 – Categorização das respostas à pergunta “Em que espaço de aprendizagem (escola, casa, rua) você acredita que o tema sexualidade deverá ser trabalhado? Por que?”.....	18
Quadro 4 – Categorização das respostas à pergunta “ <i>Como você trabalha (ou trabalhou) o tema sexualidade em suas aulas?</i> ”.....	19
Quadro 5 – Categorização do comentário “É RESPONSABILIDADE DE TODOS OS PROFESSORES TRABALHAREM O TEMA SEXUALIDADE NA SALA DE AULA, INDEPENDENTE DE QUAL SEJA SUA DISCIPLINA”.....	20
Quadro 6 – Categorização das respostas à pergunta “Qual a maior dificuldade que você enfrenta para trabalhar o tema sexualidade em suas aulas?”.....	21
Quadro 7 – Categorização das respostas à pergunta “Qual a compreensão que você tem sobre a importância dos temas transversais?”.....	22
Quadro 8 – Categorização das respostas à pergunta “Em que contexto e em que amplitude você trabalha a transversabilidade do tema sexualidade?”.....	23
Quadro 9 – Categorização das respostas à pergunta “ <i>Como você avalia a participação de seus alunos quando se trabalha o tema sexualidade (considerar timidez, espontaneidade, preconceitos,...)?</i> ”	24
Quadro 10 – Categorização das respostas à pergunta “ <i>Você trabalha mais o agir ou a forma biológica (tipo: evitar as ISTs (AIDs), a gravidez, entre outros assuntos)?</i> ”.....	25
QUADRO 11 - Atividades sobre sexualidade realizada com os alunos da(s) série(s).....	25
QUADRO 12- materiais utilizados nesta escola para suas aulas de sexualidade:.....	27
QUADRO 13- algumas afirmações usadas para explicar as dificuldades do debate do tema na sala de aula.....	28

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período de intensas modificações, tanto em âmbito físico e psicológico, quanto social e cultural do indivíduo, o que diz respeito direto à sexualidade. Comumente, falar de sexualidade é discutir o orgânico do indivíduo; no entanto, a sexualidade também envolve os aspectos psicossociais, pois diz respeito a tudo que trás uma sensação de prazer ao indivíduo, seja ela um diálogo agradável, um abraço, um aperto de mão, carinho (fraterno, materno, paterno, conjugal entre outros), sorrir, ato sexual, conhecimento corporal entre outros (CHAUÍ, 1985, p. 11).

Conforme os estudos de Freud, a sexualidade não surgiu na adolescência, ela existe desde a infância (PINTO, 1999). Com o aparecimento da puberdade e da adolescência, a sexualidade se transformará em genital, por isso, este é o momento ideal para introduzir a orientação sexual complementando a educação sexual (IBID). É nessa fase que a orientação sexual se faz mais significativa, compreendendo que, como consequência, a falta de informações é ainda uma das causas do aumento da gravidez precoce e muitos dos problemas fisiológicos – a exemplo das DSTs / ISTs – e dos psicológicos.

Os PCN (BRASIL, 1998) têm por objetivo propiciar aos sistemas de ensino, particularmente aos professores, subsídios à elaboração e/ou reelaboração do currículo, visando à construção do projeto pedagógico em função da cidadania do aluno, com abertura para discutir questões sociais relevantes à formação dos indivíduos. Dentre estes temas transversais está contemplada a orientação sexual, cuja integração ocorre por meio da transversalidade, o que quer dizer que tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos propostos por orientação sexual encontram-se contemplados pelas diversas áreas do conhecimento, impregnada a toda prática educativa, organizadas em ciclos.

Discutir ou trabalhar a sexualidade na escola constitui-se num grande desafio. Primeiro porque a formação recebida pelos professores está muito aquém dos anseios da geração que frequenta a escola; segundo porque a escola, em seu currículo, quando se propõe a realizar alguma atividade, o objetivo é ampliar a reflexão sobre a sexualidade, e cai no tradicional impasse de relacionar este tema com as questões de macho/fêmea sob a ótica do cristianismo (RISCAROLLI, 2005). Com isso desconsidera quase que completamente as interfaces ligadas ao gênero e a complexa teia que envolve a sexualidade e que vai além da heterossexualidade. Contrariando essa compreensão, entendemos ser importante que a

escola oportunize um espaço aos pais, bem como aos professores, para trocarem idéias e discutirem essa temática a fim de melhor instrumentalizar os alunos. E estes, quando forem questionados, possam responder com argumentos sérios e fortes, fortalecendo o eu de cada um, para que haja tranquilidade nas escolhas e aceitação das opções dos outros com respeito e solidariedade (CHAGAS).

É sabido que a sexualidade é inevitável, inexorável e irremovível no ser humano desde o nascimento, sendo na adolescência que ela começa a ser vivenciada com mais intensidade (LOPES, 1997). Entende-se a adolescência como uma fase de indefinição, de transição, e ainda, um período passível de conflitos e crises, porém um período de busca de liberdade (SILVA E ALVES, 2004). Enderle (1998) comenta que a adolescência é tomada no ocidente como “um período crítico” e até como uma crise de independência para afirmar-se a si próprio. A adolescência por sua vez apresenta características psicológicas não necessariamente universais, que se diferenciam em contextos culturais distintos, sendo a puberdade um fenômeno universal para todos os membros de nossa espécie, como fator biológico.

Ainda nesta discussão, destacamos que Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu na Reunião sobre Gravidez e Aborto na Adolescência, em 1974, um conceito de adolescência, caracterizada como uma fase do desenvolvimento humano em que:

o indivíduo passa do ponto do aparecimento inicial dos caracteres sexuais secundários para a maturidade sexual. Os processos psicológicos do indivíduo e as formas de identificação evoluem da fase infantil para a fase adulta. Ocorre uma transição do estado de dependência econômica total a outro de relativa independência (OMS, 1975 *apud* REIS, 1993).

Observando isso podemos perceber que a sexualidade está bem mais além do que o “simples biológico”; mas está também muito influenciado pelo psicológico e o social que concorrem para a formação da identidade sexual. As mudanças Biológicas influenciam na esfera psicológica visto que as alterações no esquema corporal fazem com que os adolescentes tenham que reestruturar em nível psíquico a representação de seu próprio corpo. No âmbito social, uma gama variada de estímulos atinge os(as) adolescentes, sendo que, nos últimos tempos eles(as) são provenientes dos meios de comunicação de massa, principalmente. Percebe-se que a velocidade e a intensidade de penetração com que esses meios atingem as culturas têm sido muito intensas, chegando a suplantam a possibilidade de assimilação e a distorcer culturas tradicionalmente estáveis, o que faz, de qualquer forma, o

ambiente sociocultural se mostrar mais receptivo aos temas da sexualidade (DUBEUX, 1998).

Neste contexto, percebe-se que várias instituições estão ligadas ao processo de educação sexual, tais como: a família, a escola, a igreja, a mídia e o grupo de pares com os quais os(as) jovens interagem direta e indiretamente. Em relação à escola, em experiências de educação sexual vivida por Ribeiro (1993), verificou-se que os alunos se aproximavam cada vez mais das discussões que falavam das emoções, dos medos e prazeres que sentiam, em comparação àquelas que tratavam apenas dos aspectos biológicos e informativos. Este autor continua relatando que, informar só não basta, e nessa perspectiva, é oportuno e válido compreender o trabalho de educação sexual não como um expositor de disciplina, na qual se tem um programa a cumprir; mas, com frequência, incorporar que mais importante do que falar é estar preparado para ouvir, conduzir debates e possibilitar discussões (IBID).

É provável que haja um recuo dos educadores das diversas áreas do conhecimento quando se fala de sexualidade, forçando uma realidade cada vez mais comum que os alunos procurem na figura do professor de ciências ou em profissionais da área da saúde, uma maneira de resolver situações referentes a esse tema. Com isto, a sexualidade humana está sendo encarada como uma área técnica cujo suposto saber estaria nas mãos de alguém da área da medicina, enfermagem, biologia e outras relacionados a saúde humana, reduzindo assim, a sexualidade a sua dimensão organicista. As escolas não apresentam projeto de orientação sexual escolar, e a proposta dos PCN (BRASIL, 1998), que prevê uma abordagem contínua do tema, enquanto tema transversal na dimensão que abarca muitos aspectos do sujeito social, cultural e comportamental (SALLA, 1981), não está se concretizado.

Tomando como premissas as questões identificadas anteriormente, o propósito desse trabalho é saber qual a concepção do tema sexualidade e sua forma de abordagem metodológica pelos professores do ensino fundamental II e médio no Município de Vitória de Santo Antão?

REFERENCIAL TEÓRICO

Estudos demonstram que a representação que os educadores têm sobre a sexualidade humana é bastante reducionista e atrelada ao sexo orgânico, desprezando-se os seus

aspectos sócio-político-culturais (FERNÁNDEZ, 1994). Conforme assevera Furth (1995), conhecimento e emoção não se separam no sujeito epistêmico. Nesse sentido, como se poderia separar o sujeito cognitivo do emocional “atravessado pela sexualidade”? Por essa perspectiva, fica difícil delimitar o campo da sexualidade como um momento, um lugar ou uma disciplina.

Com isso a sexualidade possui um caráter de transdisciplinaridade e transversalidade que lhe é inerente, independentemente de sua sistematização como orientação sexual. O projeto de transversalidade situa a sexualidade como um tema que atravessa todas as áreas do saber, contextualizando-a e problematizando-a em seus aspectos biológicos, psicológicos, sociais, políticos, religiosos, éticos e culturais. Reduzir a sexualidade ao biológico é um legado secular que trouxe consequências marcantes em toda a história da humanidade assim citado por Souza (1993). Temos – como seres humanos – uma capacidade de associar a cultura ao biológico, o que faz desse traço uma característica típica que nos faz seres humanos.

O termo sexualidade é relativamente recente e surgiu quando o conceito de sexo teve seu sentido alargado, especialmente quando se passou a distinguir e diferenciar necessidade e desejo. Essa observação feita anteriormente por Chauí (1985), alargou o sentido do sexo, deixando de ser encarado somente a partir de sua função de reprodução e passasse a ser visto como um fenômeno mais global que envolve nossa existência como um todo. Assim, daremos sentidos inesperados e ignorados a gestos, palavras, afetos, sonhos, humor, erros, esquecimentos, tristezas, atividades sociais como o trabalho, a religião, a arte, a política que, à primeira vista, nada tem de sexual (IBID).

A orientação Sexual, que visa contribuir à formação integral do cidadão, transcende esse caráter organicista (PINTO, 1994). O pesquisador avança nessa questão quando comenta criticamente sobre os poucos programas de orientação sexual vigentes no Brasil, afirmando que desses muitos programas de Orientação Sexual nas escolas, por sua vez, ajudam muito pouco os adolescentes em virtude da sua obsolescência, “carece” e inadequação pragmática (IBID). Ribeiro (1993) verificou que os alunos se aproximavam cada vez mais das discussões que falavam das emoções, dos medos e prazeres que sentiam, em comparação àquelas que tratavam apenas dos aspectos biológicos e informativos.

Veiga (1997) faz uma observação onde considera as representações dos educadores ainda muito “bitoladas”, pois alguns professores, na sua ação pedagógica em sala de aula, apresentam uma visão reducionista, sexológica, biologicista e que necessitam ser redimensionadas. Para Foucault (1999), ao refletir profundamente sobre essa questão, avança na discussão ao relacionar a sexualidade e o poder numa rede intrincada. Sugere que a primeira se submete a este último por uma razão política e econômica. Questiona se essa representação da sexualidade centrada na genitalidade e atrelada à reprodução, característica dos últimos três séculos, não estaria ordenada a uma preocupação elementar: “... reproduzir a força de trabalho, reproduzir a forma das relações sociais; em suma, proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora” (p.11).

A proposta de estudo da sexualidade como tema transversal, apresentada nos PCN (BRASIL, 1998) é uma maneira de tentar amenizar a visão fragmentada que se tem do saber e do ser humano. Fugindo dos modelos cartesianos, que fragmenta o todo em partes para compreender o sistema, os novos movimentos tendem a considerar o todo em seu conjunto. Conforme comenta Moraes (1995), sistemas complexos apresentam interações intensas entre seus componentes, de modo que o todo é mais do que a soma de seus elementos constituintes. O sistema é compreendido muito mais pelas relações e interações entre seus componentes de base do que pela natureza destes componentes em si. O projeto de transversalidade situa a sexualidade como um tema que atravessa todas as áreas do saber, contextualizando-a e problematizando-a em seus aspectos biológicos, psicológicos, sociais, políticos, religiosos, éticos e culturais. Para Souza (1993) reduzir a sexualidade ao biológico é um legado secular que trouxe consequências marcantes em toda a história da humanidade. Já o oposto, ou seja, a capacidade de associar a cultura ao biológico é um traço que caracteriza a existência humana, diferenciando-a de outras espécies animais.

OBJETIVOS

Geral:

- Compreender qual a concepção e a abordagem didático-metodológico do tema sexualidade no ensino Fundamental II e médio de Vitória de Santo Antão - PE.

Específicos:

- Analisar o conhecimento dos professores do ensino fundamental II e médio a respeito da sexualidade.
- Saber quais disciplinas discutem a sexualidade de forma integrada aos conceitos disciplinares correspondentes à área de conhecimento.
- Identificar as abordagens didático-metodológicas dos professores para relacionar o tema sexualidade à dinâmica da sala de aula.

JUSTIFICATIVA

Como a sexualidade aborda muitos aspectos do sujeito social, não apenas o sexo genital, mas também aspectos psicológicos, religiosos, políticos, éticos e principalmente culturais, faz-se base significativa à alta subjetividade necessária para compreender as representações sobre a mesma dentro da escola. Supondo que um dos principais problemas para a prática desse tema transversal esteja justamente nas ressignificações simbólico-culturais, nos imaginários dos educadores, e, considerando-se a inevitabilidade da emergência da sexualidade no cotidiano escolar, julgamos oportuno conhecer concepções e estratégias que justifiquem as discussões deste tema no âmbito da educação formal.

Se a sexualidade é dotada de uma transversalidade inerente, ela passa a ser, então, participante de todos os processos de construção do conhecimento e interage com o sujeito epistêmico, fornecendo-lhe o desejo de aprender. Sendo a sexualidade colocada em pauta todos os dias, inconscientemente pela emergência de valores, posturas e visões de mundo dos quais participam do cotidiano escolar, é imediato compreender a dimensão discutida na escola.

Por esse motivo foi de suma importância conhecer os pensamentos e ações dos educadores em todas as áreas do conhecimento em relação ao tema, para que possamos analisar pensamentos preconceituosos – em alguns casos – para discutirmos conceitos e estratégias relevantes aos debates e reflexões sobre sexualidade, e quando coerente, reestruturar estratégias a fim de contemplar, com responsabilidade e de modo formativo, o tema abordado.

METODOLOGIA

Amostragem

O grupo de amostragem foi constituído de 8 (oito) escolas do Município da Vitória de Santo Antão - PE. Destas, cinco (05) foram da Rede Pública, distribuídas em três estaduais e duas municipais. As outras (03) três escolas foram constituídas por instituições privadas. Uma de missão religiosa e as outras (2) duas de princípios comuns da educação.

Para cada escola selecionada, deixamos três questionários para que fossem entregues aos professores. Sendo um destes docentes, obrigatoriamente, professor de Ciências e/ou Biologia e os outros dois docentes de outra área do conhecimento. Os professores foram escolhidos aleatoriamente, dependendo da disponibilidade em participar deste projeto. Totalizou-se uma entrega de 24 (vinte e quatro) questionários nas escolas, destes, recebemos de volta 14 (quatorze), caracterizados no Quadro 01.

Procedimentos de coleta

O trabalho de pesquisa se baseou na aplicação e análise das respostas de um instrumento de pesquisa (apêndice 01), constituído de 46 questões objetivas e discursivas, referentes à formação acadêmica do professor(a), seus conhecimento e abordagem sobre o tema sexualidade.

A análise dos questionamentos traçou um olhar às respostas de forma qualitativa e quantitativa, construindo um perfil preliminar sobre a compreensão de sexualidade nas escolas de Vitória de Santo Antão – PE.

Análise dos Dados

Os questionamentos com respostas objetivas (de múltipla escolha) nos possibilitaram construir uma síntese, caracterizando o perfil dos professores pesquisados, como também, analisar que recursos metodológicos são explorados pelos professores nas discussões a respeito do tema sexualidade. Já as respostas discursivas, direcionadas à compreensão dos

conceitos e dos procedimentos metodológicos aplicados pelos professores (apêndice 01), foram categorizadas *a posteriori* para uma análise do conteúdo, baseado na obra de Bardin (2004). Por categorização, entendemos a classificação de “*elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos*” (p.111). É um agrupamento de idéias ou conjunto de palavras que possuem significância em comum, “*tendo como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental) fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos*” (BARDIN, 2004, p.112-113).

Com a montagem das categorias *a posteriori*, buscamos analisar que considerações os professores mais enfatizam em suas respostas, definindo quais mensagens são mais significantes, condizentes à proposta da pergunta a que se refere. Na sequência, agrupamos as idéias e significados condizentes com cada categorização, o que deu origem aos quadros que se seguem no decorrer deste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os professores foram identificados em Professor 1(P1), Professor 2 (P2), professor (...). Ao discutirem, em suas respostas o tema sexualidade, perceberemos que esse é, ainda, um tema que traz muitas discussões e reflexões entre eles. A caracterização dos quadros através das respostas obtidas dos professores possibilitou-nos formar um grande leque de discussões sobre o tema sexualidade.

Quadro 1 – Descrição dos professores entrevistados.

<u>Professor 1 (P1)</u> Professora de uma escola municipal, Licenciada em letras por uma instituição privada, com especialização tem experiência de sala de aula de 10 a 15 anos, leciona Português e Religião.
<u>Professor 2 (P2)</u> Professor de uma escola municipal, Licenciada em Ciências com Habilitação em Matemática em uma instituição privada, tem experiência de sala de aula de 3 a 5 anos, leciona Biologia e ciências.
<u>Professor 3 (P3)</u> Professora de escola municipal, Licenciada em letras por uma instituição privada, tem em experiência de sala de aula de 3 a 5 anos, leciona Língua Estrangeira.
<u>Professor 4 (P4)</u> Professor de escola Estadual, Licenciado em Biologia por uma instituição privada, tem experiência de sala de aula de 1 a 2 anos, leciona Biologia e Química.
<u>Professor 5 (P5)</u> Professor de escola Estadual, Licenciado em Matemática por uma instituição privada, com especialização tem experiência de sala de aula há mais de 20 anos, leciona

Matemática e Física
<u>Professor 6 (P6)</u> Professor de escola Privada (ESCOLA RELIGIOSA), Licenciado em letras por uma instituição privada, com especialização, tem experiência de sala de aula de 15 a 20 anos, leciona Língua Inglesa.
<u>Professor 7 (P7)</u> Professora de escola Privada (ESCOLA RELIGIOSA), Licenciado em letras por uma instituição pública e privada, com especialização, tem experiência de sala de aula de 15 a 20 anos, leciona Português, Espanhol e Inglês.
<u>Professor 8 (P8)</u> Professora de escola Privada (ESCOLA RELIGIOSA), Licenciado em letras por uma instituição privada, com especialização tem experiência de sala de aula de 15 a 20 anos, leciona Português.
<u>Professor 9 (P9)</u> Professor de escola Privada, Licenciado em Biologia por uma instituição Pública Federal, sem especialização tem experiência de sala de aula de 3 a 5 anos, leciona Biologia.
<u>Professor10 (P10)</u> Professor de escola Privada, Licenciado em Matemática por uma instituição privada, sem especialização, tem experiência de sala de aula de 6 a 9 anos, leciona Matemática.
<u>Professor 11 (P11)</u> Professora de escola Privada, Licenciada em letras por uma instituição privada, sem especialização, tem experiência de sala de aula de 6 a 9 anos, leciona Redação (Leitura e Produção Textual).
<u>Professor 12 (P12)</u> Professor de escola Estadual, Licenciado em História por uma instituição privada, sem especialização, tem experiência de sala de aula de 3 a 5 anos, leciona História.
<u>Professor 13 (P13)</u> Professora de escola Estadual, Licenciada em História por uma instituição privada, sem especialização, tem experiência de sala de aula de 6 a 9 anos, leciona História.
<u>Professor 14 (P14)</u> Professor de escola Estadual, Licenciada em Matemática por uma instituição privada, sem especialização, tem experiência de sala de aula de 6 a 9 anos, leciona Matemática.

Quadro 2 – Categorização das respostas à pergunta “*Como você entende o conceito sexualidade?*”

CATEGORIA E DESCRIÇÃO	RESPONDENTES	%
I – Não entende.	P6, P10	14,3%
II – Entende apenas de forma Biológica.	P1, P3, P4, P5, P7, P11, P12, P13 E P14	64,2%
III – Entende de forma Psicossocial	P2, P8, P9	21,5%

No quadro 2, o conceito de sexualidade é entendido pela maioria dos professores restrito ao biológico, confirmando estudos de Veiga (1997) ao afirmar que "alguns professores, na sua ação pedagógica em sala de aula, apresentam a sexualidade com uma visão reducionista,

sexológica, biologicista e que necessitam ser redimensionadas". A exemplo disto, P1 e P5 consideram, respectivamente, que a sexualidade “é um assunto que faz parte da natureza” ou que “é um ato relacionado entre duas pessoas em busca do prazer (...) é atingir o ponto G e ambos saímos satisfeitos”, restringindo o tema a uma natureza simplesmente biológica e ao ato sexual entre parceiros. Com percepções evolucionistas, P4 entende sexualidade como uma “... forma de reestruturação do ser, como uma parte vital, perpetuação das espécies, companheirismo”.

Poucos dimensionam o conceito a valores mais amplos, a formas para obter prazer, o que de acordo com Salla (1981) faz do ser humano um ser biopsicossocial. A exemplo disso, P2 entende que “é considerado de diversas formas, jeitos e maneiras que as pessoas buscam para obter ou expressar prazer”, não restrita ao biológico, mas a algo também emocional (CHAUÍ, 1985).

Quadro 3 – Categorização das respostas à pergunta “Em que espaço de aprendizagem (escola, casa, rua) você acredita que o tema sexualidade deverá ser trabalhado? Por quê?”

CATEGORIA E DESCRIÇÃO	RESPONDENTES	%
I – Em todos os locais.	P1, P4, P5, P6 e P8	35,8%
II – Apenas em casa.	-	0%
III – Apenas na escola	P2, P3, P7 P9, e P14	35,6%
IV – Na escola e em casa	P10, P11, P12 e P13	28,6%

Ao questionarmos qual local será adequado para trabalhar sexualidade, prevaleceram as opiniões das categorias I e III (quadro 03), pois confirmam que o desenvolvimento sexual do adolescente sofre influências de si próprio, da família, de sua cultura e subcultura e de seus companheiros, sendo a pressão do grupo, talvez, o fator mais poderoso para determinar seu comportamento (BRASIL, 1999, p. 17-18), fortalecendo a necessidade de se trabalhar o tema sexualidade em todo contexto social. Entretanto, para os professores da categoria I (quadro 03), restringem este trabalho a “pessoas competentes”, “profissionais”, o que constatamos na fala de P5 “... o assunto seja trabalhado com um profissional utilizando palavras científicas” ou na fala de P1 “... faz-se necessário que seja trabalhado por pessoas competentes que dominem o tema”.

Aos professores que defendem abordagens na escola (categoria III) atribuem à escola tal tarefa, o que colocam a família e todo o contexto do indivíduo fora da discussão, porque

discutir sexualidade é algo relacionado a transformações corporais – postura totalmente orgânica – tornando clara a contradição de suas afirmações anteriores quando falam que sexualidade pode ser expressa de diversas formas, jeitos e maneiras. Para Gherpelli (1996, p. 61), *a escola foi o lugar eleito para inserir, no processo educacional, a educação preventiva, que ligado à sexualidade, envolve a definição de diretrizes que contemplem a formação integral do adolescente e a participação efetiva de todos os integrantes do universo escolar. Na realização da orientação sexual, são fundamentais, para a credibilidade das ações preventivas, posturas seguras e assertividade. Quando a discussão da educação sexual envolve a família, além da escola (categoria IV), a discussão ocorrerá de forma mais contínua e duradoura, desde que essa orientação seja exercida por pessoas com as quais os adolescentes se identificam (VITIELLO, 2000).*

Quadro 4 – Categorização das respostas à pergunta “*Como você trabalha (ou trabalhou) o tema sexualidade em suas aulas?*”

CATEGORIA E DESCRIÇÃO	RESPONDENTES	%
I – Textos	P1 e P13	14,3%
II – Seminários	P2, P3,	14,3%
III – Diálogos	P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P12 e P14	71,4%

Quando questionados sobre propostas metodológicas para o trabalho do tema sexualidade na escola, a maioria utiliza-se dos diálogos (quadro 03), constatado nas falas dos professores P1 e P4, respectivamente, “(...) os gêneros textuais (gráficos, textos dissertativos, tabelas dentre outros) servem de suporte para o tema”; “mostrando a realidade, o que se pode adquirir com o sexo sem prevenção”, discutindo o que pode ocorrer quando faz sexo sem prevenção, tendo como base apenas o lado biológico e esquecendo aspectos psicossocial. Ainda assim, a proposta de diálogo de P4 é relevante, tendo em vista que na adolescência os jovens necessitam de diálogos e esclarecimentos das suas dúvidas, pois é fator decisivo para sua formação como pessoal. Para Seixas (1999)

(...) o indivíduo, nessa fase, está construindo uma identidade própria; e nessa busca, é importante ressaltar que ele pode experimentar uma enorme multiplicidade de identificações, as quais podem ser bastante contraditórias entre si. Essa instabilidade é esperada e até mesmo desejada, porém cabe a seu meio ambiente, em especial a seus pais, estabelecer limites e orientar esse processo investigativo, para que ele seja feito com segurança, sem prejuízos permanentes para a sua saúde...” (p. 123).

Para Pinto (1999), a educação sexual

proporciona ao jovem assimilação do ambiente e de si mesmo (com suas diferenças) diante desse ambiente. O espaço criado pela orientação sexual visa proporcionar ao jovem a digestão da educação sexual que lhe foi oferecida, para que ele possa rechaçar o que não é aproveitável, ultrapassar obstáculos selecionar o que lhe é apropriado, identificar-se sexualmente, buscando um ajustamento criativo diante do que a vida sexual lhe possibilita. (p. 48)

Quadro 5 – Categorização do comentário “É RESPONSABILIDADE DE TODOS OS PROFESSORES TRABALHAREM O TEMA SEXUALIDADE NA SALA DE AULA, INDEPENDENTE DE QUAL SEJA SUA DISCIPLINA”

CATEGORIA E DESCRIÇÃO	RESPONDENTES	%
I – Sim, é de responsabilidade de todos os professores.	P1, P4, P6, P9, P11 e P12	42,9%
III – Não, é de responsabilidade dos professores de ciências/biologia.	P2, P3, P7, P10, P13 e P14	42,9%
III – É de responsabilidade da União	P5	7,1%
IV – Não tenho opinião	P8	7,1%

Quando os professores foram convidados a comentar a seguinte afirmação: **“É RESPONSABILIDADE DE TODOS OS PROFESSORES TRABALHAREM O TEMA SEXUALIDADE NA SALA DE AULA, INDEPENDENTE DE QUAL SEJA SUA DISCIPLINA”** obtivemos duas principais concepções, estas antagônicas (quadro 05). Ao retomarmos a leitura aos PCNs (1998), que colocam a sexualidade como tema transversal – permeando as diversas áreas do saber (categoria I), perceberemos que é uma estratégia para amenizar a visão segmentária que se tem do saber e do ser humano. A sexualidade, dotada de uma transversalidade inerente, passa a ser participante de todos os processos de construção do conhecimento e interage com o sujeito epistêmico, fornecendo-lhe o desejo de aprender. Tal percepção é constatada na fala do P1 ao afirmar que “o tema ‘sexualidade’ faz parte da vida, por isso cabe ao professor independentemente da disciplina, levar a turma a refletir...”, aceitando que tal responsabilidade não é totalmente dependente de uma área de conhecimento ou de uma especificidade de curso e/ou formação.

Talvez essa transversalidade da sexualidade já ocorra genuína e silenciosamente dentro das diversas áreas do saber ao colocar a sexualidade em pauta todos os dias, inconscientemente, pela emergência de valores, posturas e visões de mundo dos que participam do cotidiano escolar. Dentro dessa perspectiva, seja no discurso verbalizado, seja no discurso silencioso, a sexualidade está percorrendo o currículo com um caráter de transdisciplinaridade e transversalidade que lhe é inerente, independentemente de sua sistematização como orientação sexual (FURTH, 1995).

Entretanto, os professores que não compreendem a sexualidade permeando as diversas disciplinas do currículo básico acreditam não serem aptos para essa responsabilidade, responsabilizando o Estado a destinar profissionais especializados ou criar uma disciplina específica para tratar de sexualidade, o que se confirma na fala de P5 “(...) o estado e a união deveriam ter uma disciplina específica de sexualidade e bons professores preparados...”, confirmando a insegurança de muitos educadores em oportunizar momentos de orientação sexual.

Quadro 6 – Categorização das respostas à pergunta “Qual a maior dificuldade que você enfrenta para trabalhar o tema sexualidade em suas aulas?”

CATEGORIA E DESCRIÇÃO	RESPONDENTES	%
II – Nenhuma.	P5	7,1%
III – Educação e preconceitos por parte dos alunos.	P6, P8, P9, P11, P12 e P14	42,9%
III – Falta de entendimento do aluno.	P1, P2, P3, P4, P7, P10 e P13	50%

Ao perguntarmos sobre qual a maior dificuldade que eles enfrentam no trabalho do tema sexualidade nas suas aulas, a maioria atribui o preconceito e a falta de entendimento sobre o assunto pelos alunos (categorias II e III – quadro 06), pois são divisórias para uma boa discussão em sala de aula. Possivelmente, consideram os professores, tais concepções dos alunos decorrem da ausência das discussões também em família, principalmente quando os pais omitem aos seus filhos questões relativas à sexualidade. Para Bernanrdi (1985), quando uma criança aprende sozinha a ler e a escrever, todos se alegram com isso; mas se uma criança aprende sozinha o que é o seu corpo, o seu sexo, o seu prazer, todos ficam horrorizados.

Os jovens de hoje ainda apresentam inúmeras dúvidas quando o assunto é sexualidade, da mesma forma que são vulneráveis para assimilar os impactos projetivos de pais, irmãos, amigos e de toda a sociedade, ou seja, são receptáculos propícios para se encarregarem dos conflitos dos outros. Isto é o que atualmente presenciamos em nossa sociedade, que projeta suas próprias falhas nos assim chamados excessos da juventude, responsabilizando-a pela delinquência, pela aderência às drogas, pela prostituição, ... (ABERASTURY, 1991). Como alternativa de trabalho nas diversas dimensões do contexto juvenil – e aqui enfatizamos a sexualidade –, Hernandez (1998) propõe, através dos projetos didáticos ou pedagogia de projetos, possibilidades de se trabalhar todas as coisas, basta que se tenha uma dúvida inicial e que se comece a pesquisar e buscar evidências sobre o assunto, pois os projetos de trabalho aproximam a escola e o aluno e favorecem o olhar crítico e o espírito investigativo neste. Nesta proposta metodológica o professor exerce importante papel no estudo da sexualidade do adolescente como mediador ao compreender e aceitar que a orientação sexual não consiste apenas em informar sobre sexo; mas significa também o contato entre as pessoas, a transmissão de valores, atitudes e comportamentos. Sendo assim, "os professores (e as demais pessoas), mesmo sem perceber, transmitem valores com relação à sexualidade no seu cotidiano, inclusive na forma de responder ou não às questões mais simples trazidas pelos alunos" (BRASIL, 1998, p.302).

Um dos problemas é que a maioria desses educadores não está preparada psicologicamente para falar sobre sexo e nem possuem sua própria sexualidade bem resolvida; acabam transmitindo em seu discurso a sua frustração e inquietação. O educador que se ocupa dessa tarefa – educação sexual – necessita conhecer-se a si próprio, conhecendo a história do homem e das sociedades através dos tempos. E neste sentido, as práticas amorosas e sexuais também se expressam, sendo elas produtoras e produtos da história e da cultura (CABRAL, 1995, p.154).

Quadro 7 – Categorização das respostas à pergunta “Qual a compreensão que você tem sobre a importância dos temas transversais?”

CATEGORIA E DESCRIÇÃO	RESPONDENTES	%
II – Não tenho conceito formado.	P5, P6, P7, P12 e P13	35,6%
III – Multidisciplinar	P1, P2, P3, P4, P8, P9, P10, P11 e P14	64,4%

A proposta de estudo da sexualidade como tema transversal, apresentada nos PCN (1998), é uma maneira de tentar amenizar a visão fragmentada que se tem do saber e do ser humano. Ainda que conheçam a importância dessa proposta de ensino, poucos educadores definem conceitualmente e aplicam a proposta da transversalidade ao tema sexualidade, resultados apresentados no quadro 07. Poucos afirmam não ter conceito formado; a maioria apresenta definições que se aproximam de uma proposta multidisciplinar, mas não do conceito transdisciplinar, o que dificulta, ainda mais, um trabalho do tema transversal sexualidade.

Aos professores que se enquadram na multidisciplinaridade, defendem um trabalho coletivo na escola, dentro da proposta curricular de cada disciplina de forma interdisciplinar ou multidisciplinar, com o planejamento de atividades e ações educativas, propiciando melhores condições para a escola organizar os temas a serem discutidos. As metodologias e materiais a serem utilizados e as parcerias possíveis, prevêm as dificuldades ao longo do percurso, conseguindo assim um sucesso maior na obtenção dos objetivos propostos, a exemplo dos projetos de trabalho, como afirma P14 de que essa prática dá certo na escola onde ensina. Confirma-se na definição de Hernández (1998), que define os projetos de trabalho como "... uma maneira de entender o sentido da escolaridade baseado no ensino para a compreensão, o que implica que os alunos participem de um processo de pesquisa que tenha sentido para eles..." (p.30).

Quadro 8 – Categorização das respostas à pergunta “Em que contexto e em que amplitude você trabalha a transversabilidade do tema sexualidade?”

CATEGORIA E DESCRIÇÃO	RESPONDENTES	%
II – Não trabalha.	P1, P5, P9	21,4%
III – Trabalha com frequência (UTILIZANDO TEXTOS)	P2, P3, P11	21,4%
IIII – Trabalha esporadicamente	P4, P6, P7 e P8	28,6%
IV – Toda vez que trabalho é de forma biológica	P10, P12, P13 e P14	28,6%

Para muitos professores, discutir sexualidade coloca-se como algo esporádico, em muitos casos, quando o tema vem átona, não sendo algo pensado, planejado para acontecer. Com isso os educadores que evitam abordar a discussão sobre a sexualidade não buscam

informações para seu aperfeiçoamento, não desenvolvem e nem adquirem habilidades didáticas para trabalhar o assunto, omitem-se de responsabilidade ética sobre sua função social e educacional (NUNES, 2000, p.118). A formação, a educação e os preconceitos que norteiam a vida dos atuais professores ainda impedem que, em instituições educacionais, os temas decorrentes da proposta de educação sexual – sexualidade – mais libertadora e menos preconceituosa e higienista sejam abordados com espontaneidade (SAYÃO, apud AQUINO, 1997). Muitos ainda não compreendem e aceitam que a sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e integrações, portanto, diz respeito a saúde física e mental, e nesta, a saúde sexual que é “a integração dos aspectos sociais, somáticos, intelectuais e emocionais de maneira tal que influenciem positivamente a personalidade, a capacidade de comunicação com outras pessoas e o amor” (OMS, 2005).

Quadro 9 – Categorização das respostas à pergunta “Como você avalia a participação de seus alunos quando se trabalha o tema sexualidade (considerar timidez, espontaneidade, preconceitos,...)?”

CATEGORIA E DESCRIÇÃO	RESPONDENTES	%
II – Participativos	P6, P8, P9, P10, P11 e P14	42,9%
III – Recatados	P1, P4 e P7	21,4%
IIII – Depende do tema abordado	P5	7,1%
IIV – Não observou	P2, P3, P12 e P13	28,6%

Professores relatam ter alunos que antes eram calados e tímidos, mas quando o tema é sexualidade eles começam a tirar suas dúvidas e a fazerem suas colocações, o que só confirma a atratividade que o tema desencadeia entre os alunos na puberdade (quadro 09). Muitos dos estudantes atrelam a estas discussões e debates sobre sexualidade – educação sexual – em sala de aula como oportunidade de compreender mudanças físicas, psíquicas, emocionais e afetivas que passam, atreladas a relacionamentos sexuais e de convívio entre os grupos a que pertencem. Confirma-se assim que a temática é um fenômeno mais global por envolver nossa existência como um todo, por dar sentidos inesperados e ignorados a gestos, palavras, afetos, sonhos, humor, erros, esquecimentos, tristezas, atividades sociais como o trabalho, a religião, a arte, a política que, à primeira vista, nada têm de sexual (Chauí, 1985, p. 11).

Quadro 10 – Categorização das respostas à pergunta “Você trabalha mais o agir ou a forma biológica (tipo: evitar as ISTs (AIDs), a gravidez, entre outros assuntos)?”

CATEGORIA E DESCRIÇÃO	RESPONDENTES	%
II – Trabalha o agir.	P2, P7, P8 e P9	28,6%
III – Trabalha a forma biológica.	P1, P3, P4, P5, P6, P10, P11, P12, P13 e P14	71,4%

Constatar que a maioria ainda restringe seu trabalho ao biológico só reforça resultados e discussões anteriores (quadro 10), comprovando assim que a maioria dos professores está voltada para o estudo e discussão da parte biológica. Essa visão da sexualidade, limitada ao genital e cerceada pela reprodução, não é uma idéia isolada; mas certamente é um produto de toda uma cultura (educação) que perpetua os interesses sociais a partir de uma realidade dada, forçando o sujeito social a se "adaptar" ao que é pré-existente, sem chance de transformação (FOUCAULT, 1997). Essa educação serviria como um eficiente mecanismo de "enquadramento" do sujeito social às normas do sistema, este, por sua vez, vê a sexualidade sob a égide da produtividade e, na sua crescente consolidação, modificou gradualmente o tratamento dispensado ao corpo, o qual passou a ser um instrumento usado para a expansão do capital (IBID). Dentro dessa perspectiva, onde a representação de sexualidade é balizada pela concepção do "corpo" (organismo), subjugado pela produtividade, Foucault afirma isso como totalmente errado, pois contraria o ideal de transversalidade da temática.

Quadro 11 - Atividades sobre sexualidade realizada com os alunos da(s) série(s).

	Semanalmente	Algumas vezes por mês	Uma vez por mês	Uma vez por bimestre	Nunca
1. Trabalhar textos de livro didático, artigos ou de revistas.	0%	8,2%	21,8%	40,6%	29,4%
2. Conversar sobre sexualidade em suas aulas.	21,8%	8,2%	20,4%	49,6%	0%
3. Questionar segundo situação ocorrida em novelas e filmes	16,4%	21,8%	16,4%	21,8%	23,6

4. Trabalhar de forma anatômica a sexualidade.	16,4%	8,2%	8,2%	17,6%	49,6%
5. Ler, discutir com colegas e escrever textos relacionados a mudanças corporais	16,4%	8,2%	8,2%	49,6%	20,6%
6. Discutir sobre comportamentos de opção sexual	16,4%	16,4%	16,4%	29%	21,8%

O dialogo, a conversa ainda se apresenta como um dos mais eficientes procedimentos para se trabalhar sexualidade em sala de aula (quadro 11), coerente com o que Roche (2006) afirma.

as vantagens de conversar sobre sexo desde as primeiras dúvidas são: aumentar a intimidade e a afetividade entre si; abrir caminhos para que se possa conversar sobre tudo; informar corretamente, reduzindo as fantasias e a ansiedade delas decorrente; e, por fim, prevenir futuros problemas. (p. 14).

Os professores costumam trabalhar o tema quando questionados, coincidente com situação ocorrida em novelas e filmes, estes excelentes recursos de informação, além de fragilizar barreira ao proporcionar à aula momentos agradáveis, diferentes do comum. Temos que considerar que a escola ocupa um *locus* no qual se apresentam outros procedimentos tão ou mais eficazes que seus instrumentos didáticos na transmissão de valores (FOUCAULT, 1997), auxiliando o trabalho e as discussões de um tema que, por si, já se é difícil de trabalhar por vivermos circundados de preconceitos e tabus.

Como recurso mais comum para a discussão do tema sexualidade, temos que o livro didático, não só como recurso de apoio, mas muitas vezes norteando todo o trabalho pedagógico, o que induz distorções de papéis, sendo o professor “adotado” pelo livro. Estudos organizados por Fracalanza e Megid Neto (2006) mostram muito bem isto. O livro didático faz parte do conjunto de objetos envolvidos cotidianamente nas atividades escolares, nos diferentes níveis. Vale ainda lembrar que, tendo em vista o baixo poder aquisitivo das camadas populares e a alta taxa de evasão e repetência, o livro didático pode representar um dos poucos textos com os quais os alunos vão ter contato.

Em outro contexto, segundo diversos trabalhos de autores mostram como a homofobia se manifesta no ambiente escolar (UNESCO, 2004; CASTRO et al, 2004 *apud* IMPERATORI et

al, 2008). Nestes estudos reafirmam o papel do professor em sala de aula na promoção e valorização da diversidade sexual combatendo a homofobia e o preconceito em suas diversas esferas. Nesse contexto, os pesquisadores lembram que os livros didáticos utilizados em sala de aula ganham importância no que tange ao auxílio para o combate à discriminação, preconceito e homofobia nas escolas e na sociedade como um todo. Na análise destes pesquisadores, embora a avaliação dos livros didáticos realizada sistematicamente pelo MEC seja eficaz na exclusão de linguagem homofóbica, o silêncio e a naturalização dos papéis de gênero nestes materiais podem contribuir para a manutenção dos valores homofóbicos na sociedade quando reforçam padrões heteronormativos.

Faz-se significativo, acrescido de recursos já mencionados, o trabalho constante dos professores em proporcionar debates e a construção de materiais pelos próprios alunos.

Quadro 12- Recursos de apoio (materiais utilizados nesta escola para suas aulas de sexualidade):

	Sim, utilizo.	Não utilizo porque não acho necessário.	Não utilizo porque a escola não tem.
1. Computadores	35,7%	42,8	21,5
2. Internet	21,5%	21,5	57%
3. Fitas de vídeo ou DVD	35,7%	35,7	28,6%
4. Jornais e revistas informativas	57,2%	14,2%	31,6%
5. Livros de consulta para os professores	42,8%	14,2%	43%
6. Livros de leitura	37,5%	35,7%	26,8
7. Livros didáticos	49,9%	21,5%	28,6%
8. Retroprojektor	21,5%	42,8%	35,7%
9. Máquina copiadora	49,9%	21,5%	28,6

Quanto aos recursos aplicados pelos professores para coordenarem as discussões são recursos também aplicados em outros momentos de aprendizagem, o que significa pouca

mudança metodológica ao trabalho de temas transversais. Utilizam-se, comumente, de textos extraídos de revistas e jornais, ou textos pesquisados na internet e produzidos para um trabalho mais sistematizado na sala de aula. Constatamos, com surpresa, que a internet ainda é um dos recursos pouco explorados pelos professores, quando deveria ocorrer o contrário por ser um recurso que aproxima os estudantes de outras culturas, das diversas formas de entender e expressar a sexualidade entre os povos.

Por certo, o advento da internet mudou para sempre a sociedade, um fato reconhecido frequentemente quando se considera a desenfreada possibilidade de conexão em todo o mundo. No entanto, a internet muitas vezes apresenta momentos sombrios, principalmente quando se fala de sexualidade, associada a pornografia (CARNES et al., 2001). Como resultados de estudos realizados por Carnes et al. (2001), encontra-se que cerca de 17% dos utilizadores da Internet têm problemas com sexo na internet, existindo mais de 100 mil sites que vendem sexo em alguma forma, com mais 200 adicionados diariamente, fazendo do sexo o terceiro maior setor econômico na internet (IBID). em outro estudo, constatou-se que 8% dos utilizadores gastam mais de duas horas on-line diariamente em sites cibersexual (CARVALHEIRA & GOMES, 2003), e é nesse contexto que o educador deve entrar, pois quando a internet é trabalhada de forma correta essas dificuldades e problemas podem ser minimizados e determinados questionamentos respondidos.

Quadro 13- Algumas afirmações usadas para explicar as dificuldades do debate do tema na sala de aula.

	Concordo	Discordo
1. São localizadas na escola devido à carência de infraestrutura física e/ou pedagógica.	21,5%	78,5%
2. Estão relacionadas aos conteúdos curriculares, que são inadequados às necessidades dos alunos.	35,7%	64,3%
3. São decorrentes do ambiente de insegurança física da escola.	14,3%	85,7%
4. Encontram-se na escola, que oferece poucas oportunidades de desenvolvimento das capacidades intelectuais do aluno.	42,9%	57,1%
5. Estão relacionadas ao não-cumprimento do conteúdo curricular.	50%	50%

6. Tema muito forte para os alunos	7,2%	92,8%
7. São decorrentes da indisciplina dos alunos em sala de aula.	28,6%	71,4%
8. Não levam a sério o tema, pois levam sempre na “sacanagem”.	64,3%	35,7%
9. São decorrentes do meio em que o aluno vive.	64,3%	35,7%
10. São decorrentes do nível cultural dos pais dos alunos.	85,7%	14,3%
11. Estão relacionadas à falta de assistência e acompanhamento da família nos deveres de casa e pesquisas dos alunos.	78,6%	21,4%
12. Ocorrem devido à falta de aptidão e habilidades do aluno.	28,6%	71,4%
13. Ocorrem devido ao desinteresse e falta de esforço do aluno.	35,7%	64,3%
14. Estão vinculadas à baixa auto-estima dos alunos.	42,9%	57,1%

Muitos são os problemas físicos para limitarem ou cecearem as discussões do tema sexualidade na escola e nas diversas disciplinas do currículo da educação básica (quadro 13). O currículo busca a transversalidade, colocando a sexualidade como um tema a atravessar todas as áreas do saber, contextualizando-a e problematizando-a em seus aspectos biológicos, psicológicos, sociais, políticos, religiosos, éticos e culturais, para que não se reduza a sexualidade ao biológico (SOUZA, 1993), e com tais implicações não encontrem motivos para desistir das discussões sobre sexualidade ou de dar espaço para que estas aconteçam. Contudo, muitos dos professores atribuem a pouca informação dos pais – com grande influência de tabus pelas mães – como entraves para que estes temas surjam e sejam discutidos em sala de aula (quadro 13). Segundo Luz (1999), a família é o primeiro contato com o ambiente social, sendo neste contexto que ocorrem os primeiros ensaios, desafios, experiências que poderão posteriormente oferecer maiores possibilidades de posicionamento na sociedade, “pois é no grupo familiar que ele aprende a conviver e aonde estabelece as bases de sua formação” (p. 16). A influência cultural reflete em vários contextos, além da família, a escola também está permeada por ela. Assim, segundo Oliveira (1998),

ao ingressar na escola, estereótipos e expectativas (ou profecias auto-realizáveis) permeiam a relação professor(a) – aluno, confirmando ou reforçando aqueles advindos de casa. O grupo de iguais também exerce o efeito reforçador segundo suas expectativas de modelo masculino ou feminino. O processo de construção de identidade é iniciado na família, porém, a sociedade encarrega-se de sua manutenção (p. 59).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que a visão de muitos dos professores pesquisados ainda está voltado aos aspectos biológicos do ser humano, simplificando e limitando a relação da sexualidade a algo natural, implicado e reduzido a dois indivíduos que se relacionam por prazer e para perpetuar a espécie. Nas afirmações fica claro que, os professores, não se acham capacitados para trabalhar o tema, restringindo essa responsabilidade aos professores de Ciências/Biologia e aos profissionais da área de saúde.

Acreditam que não tem um local preferencial para trabalhar o tema, o que não podem restringir a discussão para a casa ou para a rua, mas aceitar que todos os ambientes serão propícios, sendo a escola, em sua dimensão política e social, um dos melhores espaços para que esta discussão aconteça. Ainda atribuem a especialistas a discussão de uma temática que é apresentada, como tema transversal. Muitos ainda atribuem tal responsabilidade aos professores de Ciências e Biologia, o que reforçam a compreensão da sexualidade aos aspectos biológicos do tema.

Contudo, ainda que alguns professores não sintam dificuldade em abordar o tema em sala de aula e trabalham com textos, revistas, filmes e diálogos, outros afirmam ter grandes problemas, justificando que os alunos apresentam vários preconceitos e que tudo deve ser acarretado pela distorção das informações, ou ausência de boas orientações, que a família e os amigos possam estar repassando aos mesmos.

Segundo os professores a infra-estrutura não é fator limitante para abordagem do tema, mas a cultura dos pais, refletida de forma direta nos filhos. Como essa cultura não é tão lapidada, acaba prejudicando a abordagem e discussão do tema devido a vários conceitos errados.

Em síntese, compreendemos que os professores das diversas áreas de conhecimento precisam compreender a sexualidade na transversalidade de seu conceito, de qualificação e

acompanhamento em relação ao tema, tendo em vista que normalmente esse tema não faz parte do currículo na sua formação como docente. Muitos, em suas aulas, tratam a sexualidade como algo limitado e restrito, explorando seus conceitos de modo errôneos ou limitados, o que ocasiona o reforço de vários conflitos e preconceitos entre os jovens, muitos destes, nossos alunos.

BIBLIOGRAFIA

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares In: **Estudos Feministas**. Vol. 9, N. 2/2001, pp575-585. Florianópolis, SC, UFCS/ CFH/CCE. 2001.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**, 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2004. 223p.
- BERNARDI, M. **A deseducação sexual**. São Paulo: Summus, 1985.
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Apresentação dos temas Transversais. Secretaria da educação Fundamental, Brasília:MEC/SEF,1998.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**:pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CABRAL, J. T. **A sexualidade no mundo ocidental**. Campinas: Papirus, 1995
- CARNES, P., D., D. Griffin, E., & Moriarty, J. (2001). Nas sombras da rede: Quebrando livre de comportamentos sexuais online. Centro da cidade, MN: Hazelden, 2006.
- CARVALHEIRA, A., & GOMES, F. A. Cybersex em Português chat: Um estudo sobre comportamentos sexuais relacionada com o sexo online. **Journal of Marital Therapy & Sexo**, 2003.
- CARVALHO, S. P. **Sexualidade, educação e cultura: instantâneos de escolas de Cuiabá e Várzea Grande**. Cuiabá. 2005.
- CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M; SILVA, L.B. **Juventudes e Sexualidade**,Brasília: UNESCO, 2004.
- CHAGAS, E. R. C. **Educação Sexual: Reflexões e Proposta**. Revista Educação, Porto Alegre, n. 30, p.137-154, 1996.
- CHAUÍ, M. Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? **Cadernos de pesquisa**. São Paulo (36); p.99-110,fev.1981.
- DUARTE, L. F. D. A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. **Sexualidades e saberes – convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro. Garamoud. 2004.
- FERNÁNDEZ, A. **A Mulher Escondida na Professora - uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo:Loyola,1999.
- GHERPELLI, M. H. V. A educação preventiva em sexualidade na adolescência. **Série Idéias**. São Paulo: FDE, n. 29, p. 61-72, 1996.

IMPERATORI, T.; SANTOS, W. R. ; LIONCO, T. ; DINIZ, D. . **Qual diversidade sexual dos livros didáticos brasileiros?** In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder, 2008, Florianópolis. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 8. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008.

KEHL, M. R. **A mínima diferença: masculino e feminino na cultura.** Rio de Janeiro. Imago. 1996.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis - RJ: Vozes, 1998.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUZ, A. M. H. **Mulher Adolescente: Sexualidade, Gravidez e Maternidade.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

MORAES, R. **Análises qualitativas: Análise de conteúdo? Análise de discurso?** Porto Alegre: Mimeo, 1995.

NUNES, C. **Desvendando a sexualidade.** Campinas: Papirus, 1997.

OLIVEIRA, M. W.. Gravidez na adolescência: Dimensões do problema. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 45, julho/ 98

PINTO, L. F. A (Des)Educação Sexual na Televisão. Salvador: **Revista da FAEEBA**, 1994.

RISCAROLLI, E. **Gênero e sexualidade nas práticas escolares.** Editora Universitária da Universidade Federal do Tocantins, v. 01. Tocantins, 2005.

ROCHE, F. **Sexualidade infantil.** Disponível em: <<http://guiadobebe.uol.com.br/bb2a3/sexualidade.htm>, 2010.

SALLA, L. F. Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? **Cadernos de pesquisa.** São Paulo (36); p.99-110, fev. 1981.

SEIXAS, A. H. Abuso sexual na adolescência. In: SCHOR, Nélia; MOTA, Maria do Socorro F. Tabosa; CASTELO BRANCO, Viviane. (Org.). **Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento.** Brasília, DF: ministério da Saúde, Secretaria de Políticas da Saúde, 1999. p. 117-135.

SILVA, M. P. **O desenvolvimento do 'Conhecimento Pedagógico do Conteúdo de sexualidade entre professores do ensino fundamental**, 2004.

SILVA, M. S. da; SILVA, M. R. da; ALVES, M. de F. P. Sexualidade e adolescência: é preciso vencer os tabus. **CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**, 2. -12 a 15 de setembro de 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2004.

SOUZA, N. G. S. de. Escola e Sexualidade. **Revista de Estudos**, Novo Hamburgo, v.16(1), p.72-75, 1993.

VEIGA, S. G. Subjetividade/Sexualidade: uma questão pedagógica. **Caderno de Aplicação**, Porto Alegre, v.10, n.2, jul./dez. 1997.

VITIELLO, N. **Sexualidade: quem educa o educador:** um manual para jovens e educadores. 2 ed. São Paulo; Iglu, 2000.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, Política e Educação.** São Paulo: Autores Associados, 1998.



APÊNDICE (1)

Universidade Federal de Pernambuco

Centro Acadêmico de Vitória - Núcleo de Ciências Biológicas

Trabalho de Conclusão de Curso

Entrevista com os professores da Educação Básica de Vitória de Santo Antão

Sexo () Masculino. () Feminino.

1. Formação Acadêmica

Ensino Superior: () Pedagogia. () Licenciatura () Bacharelado.

Área de formação _____

2. Em que tipo de instituição você fez o curso superior? Se você estudou em mais de uma instituição, assinale aquela em que obteve o seu título profissional.

() Pública federal. () Pública estadual. () Pública municipal. () Privada.

3. De que forma você realizou o curso superior?

() Presencial. () Semi-presencial. () A distância.

4. Indique a modalidade de cursos de pós-graduação de mais alta titulação que você possui.

Pós Graduação em: _____

() Atualização (mínimo de 180 horas). () Especialização (mínimo de 360 horas).

() Mestrado. () Doutorado. () Não fiz ou ainda não completei curso de pós-graduação.

5. Há quantos anos você está lecionando?

() Há menos de 1 ano. () De 1 a 2 anos. () De 3 a 5 anos. () De 6 a 9 anos.

() De 10 a 15 anos. () De 15 a 20 anos. () Há mais de 20 anos.

6. Que disciplinas você leciona atualmente ?

I. _____

II. _____

III. _____

7. Há quantos anos você trabalha nesta escola?

() Há menos de 1 ano. () De 1 a 2 anos. () De 3 a 5 anos. () De 6 a 9 anos.

() De 10 a 15 anos. () De 15 a 20 anos. () Há mais de 20 anos.

8. Como você explica o conceito de sexualidade ?

9. Em que espaços de aprendizagem (escola, casa, rua) você acredita que o tema sexualidade deverá ser trabalhado ? Por que ?

10. Como você trabalha (ou trabalhou) o tema sexualidade em suas aulas ?

11. Comente sobre a seguinte afirmação “É RESPONSABILIDADE DE TODOS OS PROFESSORES TRABALHAREM O TEMA SEXUALIDADE NA SALA DE AULA, INDEPENDENTE DE QUAL SEJA SUA DISCIPLINA”.

12. Qual a maior dificuldade que você enfrenta para trabalhar o tema sexualidade em suas aulas ?

13. Qual a compreensão que você tem sobre a importância dos temas transversais ?

14. Em que contexto e em que amplitude você trabalha a transversalidade do tema sexualidade ?

15. Como você avalia a participação de seus alunos quando se trabalha o tema sexualidade (considerar timidez, espontaneidade, preconceitos, ...) ?

16. Você trabalha mais o agir ou a forma biológica (tipo: evitar as ISTs, a gravidez, entre outros assuntos) ?

AS ATIVIDADES SOBRE SEXUALIDADE QUE VOCÊ REALIZA COM OS ALUNOS DA(S) SÉRIE(S) (Marque apenas UMA opção em cada linha.)

	Semanalmente	Algumas vezes por mês	Uma vez por mês	Uma vez por bimestre	Nunca
17. Trabalhar textos de livro didático, artigos ou de revistas.	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
18. Conversar sobre sexualidade em suas aulas.	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
19. Questionar segundo situação ocorrida em novelas e filmes	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
20. Trabalhar de forma anatômica a sexualidade.	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
21. Ler, discutir com colegas e escrever textos relacionados a mudanças corporais	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
22. Discutir sobre comportamentos de opção sexual	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)

INDIQUE SE VOCÊ UTILIZA OU NÃO NESTA ESCOLA PARA SUAS AULAS DE SEXUALIDADE: (Marque apenas UMA opção em cada linha.)

	Sim, utilizo.	Não utilizo porque não acho necessário.	Não utilizo porque a escola não tem.
23. Computadores	(A)	(B)	(C)
24. Internet	(A)	(B)	(C)
25. Fitas de vídeo ou DVD	(A)	(B)	(C)

26. Jornais e revistas informativas	(A)	(B)	(C)
27. Livros de consulta para os professores	(A)	(B)	(C)
28. Livros de leitura	(A)	(B)	(C)
29. Livros didáticos	(A)	(B)	(C)
30. Retroprojektor	(A)	(B)	(C)
31. Máquina copiadora	(A)	(B)	(C)

ALGUMAS AFIRMAÇÕES SÃO USADAS PARA EXPLICAR AS DIFICULDADES DO DEBATE DO TEMA NA SALA DE AULA. (Marque apenas UMA opção em cada linha.)

	Concordo	Discordo
32. São localizadas na escola devido à carência de infraestrutura física e/ou pedagógica.	(A)	(B)
33. Estão relacionadas aos conteúdos curriculares, que são inadequados às necessidades dos alunos.	(A)	(B)
34. São decorrentes do ambiente de insegurança física da escola.	(A)	(B)
35. Encontram-se na escola, que oferece poucas oportunidades de desenvolvimento das capacidades intelectuais do aluno.	(A)	(B)
36. Estão relacionadas ao não-cumprimento do conteúdo curricular.	(A)	(B)
37. Tema muito forte para os alunos	(A)	(B)
38. São decorrentes da indisciplina dos alunos em sala de aula.	(A)	(B)
39. Não levam a sério o tema, pois levam sempre na “sacanagem”.	(A)	(B)
40. São decorrentes do meio em que o aluno vive.	(A)	(B)
41. São decorrentes do nível cultural dos pais dos alunos.	(A)	(B)
42. Estão relacionadas à falta de assistência e acompanhamento da família nos deveres de casa e pesquisas dos alunos.	(A)	(B)
43. Ocorrem devido à falta de aptidão e habilidades do aluno.	(A)	(B)
44. Ocorrem devido ao desinteresse e falta de esforço do aluno.	(A)	(B)
45. Estão vinculadas à baixa auto-estima dos alunos.	(A)	(B)